

SAÚDE E BEM-ESTAR DO PROFISSIONAL DOCENTE: um olhar voltado aos pedagogos da rede municipal de ensino de Rio Verde-GO

Claudineia Rodrigues de Souza

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: piusouza50@gmail.com)

Katielly Martins Morais da Cunha

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: katty978@gmail.com)

Wilker de Freitas Oliveira

Acadêmico do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: wilkerfreitasriri@gmail.com)

Clésio Feliciano de Souza

Orientador do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: clesiofeliciano@hotmail.com)

RESUMO

Este artigo foi elaborado de modo a apresentar os principais fatores responsáveis por desencadear prejuízos à saúde do pedagogo. Por conseguinte, visa-se que quando esse profissional dedica muito do seu tempo a assuntos relacionados à sua profissão, lidando com o descaso, condições de trabalho inadequadas, falta de apoio e instrumentos pedagógicos, entre outras deficiências no sistema de ensino, torna-se inevitável, o aumento das frustrações, da desmotivação e do cansaço, ocorrências que fazem com que eles passem a cuidar menos de si, resultando assim em um adoecimento, e conseqüentemente afetando a qualidade do ensino por ele oferecido. Ademais, a junção de muitos anos de profissão com uma carga horária excessiva também contribui para um maior desgaste físico e psicológico do pedagogo. Portanto, cuidar da saúde do educador que desenvolve um papel essencial, é indispensável no processo ensino-aprendizagem, caso que deve ser tratado com mais prioridade e atenção, visto que quando o professor tem sua saúde afetada, sua capacidade de ensino se reduz, fator que reflete negativamente no ensino.

Palavras-chave: Professor. Desgaste. Psicológico. Valorização e Soluções.

TEACHING PROFESSIONAL HEALTH AND WELL-BEING: a look at pedagogues in the municipal school system in Rio Verde-GO

ABSTRACT: This article was elaborated in order to present the main factors

responsible for triggering harm to the health of the pedagogue. Therefore, it is intended that when this professional dedicates much of his time to matters related to his profession, dealing with neglect, inadequate working conditions, lack of support and pedagogical instruments, among other deficiencies in the teaching system, it becomes inevitable to increase frustrations, demotivation and tiredness, occurrences that cause them to take less care of themselves, thus resulting in a sickness, and consequently affecting the quality of the teaching offered by him. Moreover, the combination of many years of profession with an excessive workload also contributes to a greater physical and psychological wear and tear of the pedagogue. Therefore, taking care of the health of the educator who plays an essential role in the teaching-learning process is indispensable, in which case it should be treated with more priority and attention, since when the teacher's health is affected, his or her teaching capacity is reduced, a factor that negatively reflects on the teaching.

Keywords: Teacher. Wear. Psychological. Valuation and Solutions.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado com a intencionalidade de apresentar os principais fatores responsáveis por desencadear prejuízos à saúde do pedagogo, bem como, expor o papel das instituições frente a essa questão, a fim de conscientizar e evitar a expansão dos problemas apresentados. Problemas os quais resultam em um decorrente aumento de registros e estatísticas relacionados a afastamentos, laudos, consequente à sobrecarga da área de atuação do pedagogo.

A abordagem metodológica que utilizaremos nesse artigo possui origem quantitativa, realizadas por meio de amostras intencionais, com enfoque em estudos de caso e relatos de experiência de profissionais que atuam como pedagogos. Dados que serão coletados por intermédio de um questionário eletrônico, em que os profissionais irão expor suas experiências, sendo traçados uma comparação entre os dados obtidos com as estatísticas que serão fornecidas pelo RH da Secretária Municipal de Educação, por meio de registros de laudos e afastamentos médicos dos pedagogos.

Então, após colher e analisar os dados, serão organizados por meio de tabelas comparativas, apresentando os resultados obtidos, analisando os resultados para que possamos então concluir, se houve ou não um aumento gradativo de afastamentos médicos no ano de 2019.

Ademais, serão expostos os motivos que contribuem para o desgaste físico e psicológico do pedagogo em seu âmbito profissional. Enfatizando o descaso dos

órgãos públicos, bem como das próprias instituições de ensino mediante ao apoio e suporte necessários para uma saúde, melhor qualidade e bem-estar deste profissional. Chegando assim, a possíveis soluções para evitar a ocorrência de novos casos, laudos e atestados causados pelo trabalho excessivo.

2 A SAÚDE E BEM-ESTAR DO PROFISSIONAL DOCENTE

2.1 Doenças que afetam o pedagogo em sua atuação de trabalho no século XXI

Considerando o elevado número de doenças, sendo elas: físicas ou mentais, que rodeiam e vem tomando uma grande expansão nos âmbitos educacionais, tornam-se necessárias discussões e debates para chegarmos a um possível resultado, visto que é necessário um olhar cuidadoso e de uma reflexão voltada para essa classe de pedagogos. Haja vista que dentre esses malefícios que afetam o psicológico diretamente dos professores da educação, incontáveis são ocasionados pelo estresse, como apresenta Lipp (2000 apud GUIMARÃES, 2019, p. 167):

Atualmente os estímulos desencadeadores do stress são diversos, podemos citar: a competitividade social, a competência profissional, a sobrevivência econômica, o fracasso, a monotonia, a insatisfação no trabalho, a privação e a submissão contrariada. Os sintomas do stress são de natureza geral e inespecífica, surgem em qualquer pessoa indistintamente. Trata-se de um desequilíbrio do sistema nervoso, o qual atinge diretamente o sistema emocional.

No caso dos pedagogos, esse estresse é ocasionado por sua atuação dentro e fora de sala de aula, em virtude de uma jornada de trabalho extremamente exaustiva o que o leva ao esgotamento mental e físico, ao término do dia. Por outro lado, este profissional negligencia esses fatores de risco por mero deleite à profissão ou até mesmo receio de sofrer preconceito dentro da escola, por seus colegas de trabalho, desta forma se desgasta dia a pós dia tendo em um futuro bem próximo às devidas consequências de seus atos.

De acordo com Luciano (2013 apud MARTINS; SOLDERA, 2017, p. 148):

A síndrome de Burnout caracteriza-se por Exaustão Emocional (EE) manifestada por fadiga intensa, sensação de impotência diante das exigências diárias. O distanciamento emocional e a indiferença em relação ao trabalho e às pessoas com quem interagem constituem a Despersonalização (DE). A diminuição da realização pessoal e profissional

(PRP) se apresenta como falta de visão de futuro, frustração e sentimento de incapacidade e fracasso associados à insônia, ansiedade generalizada, déficit de concentração e atenção, labilidade efetiva, irritabilidade e transtornos de apetite.

Assim de fato, uma das doenças que vem ganhando destaque, notoriedade e visibilidade dentro do meio da educacional é a síndrome de Burnout, uma vez que, de acordo com Guimarães (2019, p. 166) a mesma expõe algumas características sobre esta síndrome em seu trabalho:

A realização de um trabalho como “sacerdócio” que predispõe o docente a se submeter a riscos e sobrecarga de trabalho, pressão de políticas públicas pedagógicas e hierarquias impostas, cobrança de aprovação e esquecimento da qualidade de ensino, o perigo e a violência que rondam as escolas, o desrespeito por parte de alunos e alguns pais, a desvalorização pessoal e salarial.

Sendo uma doença com característica somatória, neste caso, o indivíduo acumula em seu dia a dia o estresse, cansaço, pressões internas de trabalho, pois um pedagogo que gosta do que faz e quer fazer o seu serviço bem feito, não mede esforços por sua perfeição, e o fato de cobrar diariamente o seu próprio corpo, que não aguenta tamanho acúmulo de pressão e posteriormente acaba prejudicando-o, gerando para si mesmo alguns transtornos de ansiedade e síndromes do pânico, que se não tratado de maneira adequada e tendo bastante cautela com especialista na área, este profissional pode gerar em si, uma depressão.

Segundo Bressan e Estanislau (2014, p. 27) “cada pessoa reage a um evento estressor de maneira individual, e, dependendo de uma série de fatores, a resposta pode ser acompanhada, ou não, de um problema mental ou de um transtorno mental”.

Mediante os casos físicos desencadeados pelos pedagogos entre seres de erros por parte deste círculo educacional, sendo eles: as irregularidades das instituições: as salas de aulas inadequadas com falta de ventilação, espaço físico inclusive a falta de manutenções básicas nos prédios dos públicos, são fatores contribuem e vem gerando um desconforto na sua atuação em sala de aula, sendo que o pedagogo já se prejudica em sua atividade com uma série de afazeres e repetições constantes no seu ato cotidiano de lecionar.

Consoante, vivemos em constantes conflitos e problemas sociais em nossa atuação, desta forma, devemos sempre procurar amparo de pessoas, que nos

forneça o auxílio que procuramos em nosso ambiente de trabalho ou até mesmo fora dele, trazendo para si mesmo, harmonia e equilíbrio para sua vida em dias de distúrbios emocionais e corpóreo.

2.2 Como solucionar os problemas que afetam a saúde do pedagogo?

Como já dito anteriormente, são muitos os fatores que contribuem para o adoecimento e mal-estar do pedagogo, sejam eles externos ou internos, então o que pode ser feito para evitar o surgimento de novos casos? E para tratar os casos já existentes? É o que veremos a seguir:

Hoje, no Brasil, mais da metade dos profissionais docentes sentem ou já sentiram sua saúde afetada, seja pelo esforço físico e mental, pelas condições inadequadas do ambiente de trabalho, ou até mesmo por se sentirem abandonados e sem apoio dentro mesmo das instituições. Alguns profissionais chegam até mesmo e se afastam do ambiente de trabalho, para que possam se recuperar. Assim, analisando os fatores responsáveis pelo mal-estar do profissional, faz-se necessário então, tomar medidas preventivas para que os educadores mantenham sua saúde e tenha uma melhor qualidade de vida, e de trabalho, mas a pergunta é: como e quem deve fazer isso? Bom, a resposta é simples, tanto a sociedade, os órgãos governamentais como a própria instituição tem o dever e o papel de manter e preservar pelo bem-estar do pedagogo.

Concomitantemente, a sociedade tem o papel de valorizar e reconhecer o trabalho desses profissionais, apoiando-os e assumindo sua responsabilidade, ou seja, no caso dos pais de alunos, é necessário e indispensável o acompanhamento do aprendente, seja em seu desenvolvimento e aprendizagem ou na execução de tarefas escolares, outro ponto essencial também é a família saber distinguir o que é papel da escola e o que é papel da família, para que assim nenhum dos dois se sobrecarreguem ou sejam prejudicados.

Contudo, neste mundo rápido e egocêntrico é que se desenha o cenário da educação na atualidade. Pais terceirizando a educação e responsabilidade pelos filhos, professores isentando-se de seu comprometimento devido à sobrecarga ou desestimulação e fragilidade na percepção do sentido no seu trabalho (CEREZER; OUTEIRAL, 2011, p. 69).

Pode até parecer exagero e desnecessário dizer que é dever da família educar a criança, mas infelizmente muitos ainda deixam de fazer e acabam

cobrando dos professores ou até mesmo das instituições escolares, papéis e deveres que não são de atribuição das escolas. Resumindo, quando a família cumpre com seu papel, educa e cuida da criança da forma necessária, ensinando valores e os preparando para vida em sociedade, além de facilitarem o trabalho do professor, ainda faz com que o profissional da educação possa priorizar realmente o seu trabalho que é ensinar os conteúdos propostos e que apenas reforcem os ensinamentos que já vieram de casa, trazendo como resultado profissional, mais produtividade, menos trabalho, sobrecarregado e conseqüentemente menos estresse e mais qualidade de vida e saúde para o professor. Como podemos analisar a seguir:

[...] a motivação intrínseca se refere ao fato de que um indivíduo motivado certamente terá maior dedicação, deixando fluir livremente seu pensamento. A motivação leva qualquer pessoa a parar e olhar para o desconhecido, é algo ligado a ter disposição para visualizar coisas que ninguém se deu trabalho de ver, além de agir na sua concretização (KAUARK; MUNIZ, 2008, p.73-74).

Outro responsável com poder e a capacidade de melhorar a qualidade de vida desses profissionais são os órgãos governamentais responsáveis pela qualidade de educação do país, dos Estados e também das cidades. Os professores na maioria das vezes acabam se sentindo abandonados e esquecidos pelos órgãos competentes, seja devido a ambientes de trabalho sem cuidados ou manutenções adequadas, como salas superlotadas, falta de ventilação e iluminação apropriadas, falta de materiais pedagógicos (livros didáticos, data-show, revistas e livros literários, entre outros), além da falta de projetos e apoio psicológico adequado dentro das próprias instituições de ensino.

Visto que estes respectivos órgãos têm a capacidade e a verba necessária para o desenvolvimento desses projetos, que lutem e prezem pela saúde e qualidade física e mental desses profissionais, contribuindo para a valorização desse trabalho tão importante, mas que ainda não possui reconhecimento adequado. Outro ponto também é a desvalorização pelo salário que esses profissionais recebem, pois, acreditam que devido à importância do trabalho que exercem, deveriam ter uma remuneração mais adequada, visto o esforço de seu trabalho.

Ou seja, se esses órgãos voltassem mais atenção a esses profissionais e trabalhassem e prol deles, poderiam tornar a profissão mais valorizada, e também

contribuir para uma melhor qualidade de ensino no país, pois quando o professor se sente valorizado e pode usufruir de um ambiente de trabalho adequado, com todo apoio e material necessário seu trabalho se torna mais prazeroso e gratificante, o que automaticamente reflete em uma melhor qualidade no campo trabalhista oferecido, visto que é um trabalho de extrema importância como vemos a seguir:

Educador é o adulto que oferece o limite com autoridade sem autoritarismo. É o que cria um espaço de segurança e proteção sem ser permissivo e complacente as demandas infantis. É o professor, em sala de aula, que consegue escutar, entender e filtrar aos seus alunos aquilo que é oferecido pelo mundo externo (CEREZER; OUTEIRAL, 2011, p. 46).

E por último, destacamos o importante papel da instituição escolar. Pois, quando a própria instituição sabe reconhecer e valorizar o trabalho de seus professores, também contribuem para a melhoria no funcionamento e na qualidade de ensino que oferece. Isso é algo que pode e deve ser feito no dia a dia das instituições. Sejam por meio de pequenas reuniões semanais, em que cada professor possa expor suas ideias de melhorias ou até mesmo que consigam pedir ajuda em algo que estejam precisando, ou até mesmo por meio de uma caixa de sugestões, onde cada funcionário da escola, ou até mesmo os alunos possam sugerir melhorias, ou ideias que possam vir a ajudar a instituição e consequentemente possam melhorar o trabalho do professor.

As escolas podem também, promover uma maior interação entre pais, professores e alunos, sejam por reuniões, ou questionários, onde cada um possa de maneira clara, dar sugestões de projetos ou atividades que possam contribuir para a diminuição dos problemas e dificuldades enfrentadas por esses profissionais em seu cotidiano.

Fazendo isso além de facilitarem a comunicação dentro da escola, facilitará o trabalho do professor, trazendo mais saúde, menos estresse e sobrecarga de trabalho e tornará o aprendizado da criança mais significativa. Tendo como consequências positivas, profissionais mais dispostos, e também fará com que a escola tenha um reflexo positivo na sociedade, tornando-a referência para que outras instituições, como a sociedade e a família lutem por um ideal voltado ao bem-estar desses profissionais, destacando a importância de valorizar e zelar por esses docentes que lutam por um mundo melhor, com mais educação, e com cidadãos críticos, pensantes e capazes de compreender o mundo e a sociedade. Ou seja, se

sociedade, governo e escola, batalharem juntos é possível sim, além de melhorar a qualidade de ensino, melhorar as condições de trabalho dos professores e oferecendo assim apoio e mais qualidade. Diminuindo casos de afastamentos por problemas desencadeados devido aos desafios enfrentados por esses profissionais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica desse artigo tem origem quantitativa, realizada por meio de amostras intencionais, com enfoque em estudos de caso e relatos de experiência de profissionais que atuam como pedagogos na rede municipal de ensino da cidade de Rio Verde-GO, o que permitiu-nos obter resultados mais precisos e dentro da realidade, destacando os principais causadores do mal-estar docente em seu âmbito profissional, assim como os danos à saúde desse pedagogo em longo prazo.

Foi encaminhado para a Secretária Municipal de Educação um pedido de autorização, para que pudéssemos realizar uma pesquisa em toda rede municipal de ensino, em que foram coletados dados por meio de um questionário eletrônico, permitindo aos profissionais exporem suas experiências, traçando assim uma comparação entre os dados coletados por meio dos questionários com as estatísticas que serão fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação, por meio de documentos e registros de laudos e afastamentos médicos dos pedagogos.

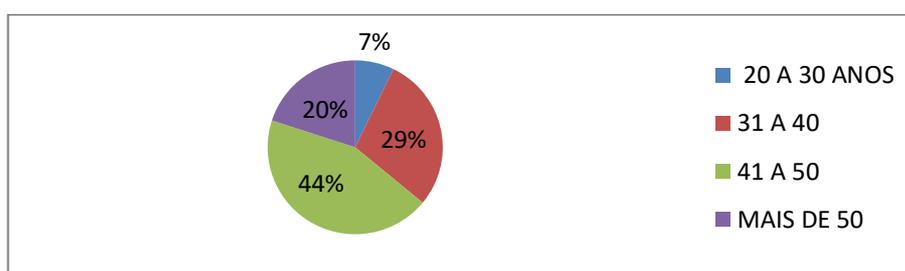
Então, após colher e analisar os dados, os mesmos serão organizados por meio de gráficos e tabelas comparativas, com o intuito de apresentar os resultados obtidos, fazendo uma breve análise entre os resultados, concluindo então, se houve ou não um aumento gradativo de afastamentos médicos nos últimos 12 meses antes do período pandêmico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender melhor a realidade profissional dos pedagogos, bem como apresentar resultados que comprovam o quanto esses profissionais têm sua saúde física/mental, afetada em decorrência do trabalho em sala de aula, propusemos a realização de uma pesquisa no formato de um questionário eletrônico. Pesquisa a

qual foi autorizada e acompanhada pela Secretária Municipal de Educação da cidade de Rio Verde-GO, assim, foi encaminhado o questionário para os gestores das unidades escolares da rede municipal, onde a partir de então, o próprio diretor encaminhou para os pedagogos das suas respectivas escolas. Sendo aplicado em toda a rede municipal de ensino. O questionário foi projetado com a intencionalidade de alcançar todos os pedagogos da rede, que atualmente, contam com 950 profissionais, porém obtivemos apenas 250 resultados, ou seja, 26,3 % dos pedagogos. A pesquisa apresenta 8 questões objetivas, sendo elas:

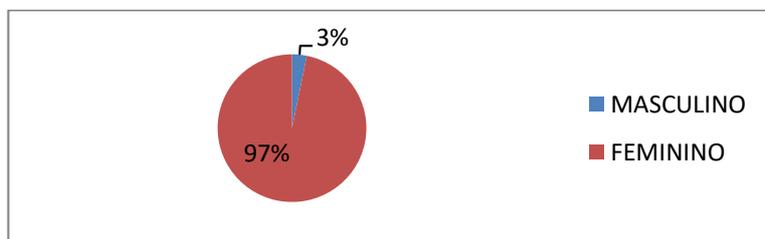
Gráfico 1- Qual sua faixa etária?



FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

Indagados na questão de número um, detectamos que 44% dos pedagogos entrevistados apresentam idade superior a 41 anos enquanto 20% apresentam idade superior a 50 anos, totalizando assim um percentual de 64% de profissionais mais maduros e experientes, que exercem o papel de pedagogo atualmente dentro de sala de aula. O que nos leva a questionar a falta de oportunidade e espaço para a atuação de novos pedagogos, recém- formados no mercado de trabalho. Visto que somente 7 % dos entrevistados apresentam idade entre 20 e 30 anos.

Fazendo-se assim necessário, voltar uma atenção maior para essa classe recém-formada, visto a necessidade de renovação do ciclo de atuação dos pedagogos. Ou seja, é preciso que esses profissionais com tempo mínimo de contribuição já alcançado, busquem a aposentadoria a fim de abrir espaço para novos profissionais da área de pedagogia que já se formaram, e também incentivem a formação de novos professores. Principalmente do sexo masculino, que hoje ocupam uma pequena parcela dentro da classe educadora.

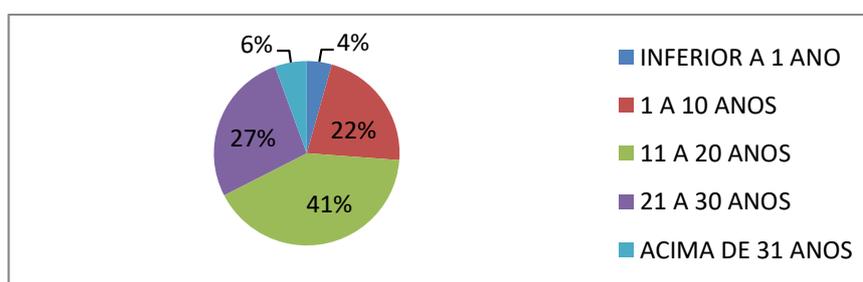
Gráfico 2 – Sexo

FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

O gráfico a cima mostra que quase 100% dos profissionais de pedagogia que responderam o questionário são do sexo feminino, o que nos levanta a questão sobre a falta de profissionais da área do sexo masculino. Essa pequena quantidade de profissionais do sexo masculino seria pela falta de interesse em formação na área da educação, ou pelo fato de vivermos em uma sociedade alienada onde se caracterizam a profissão como algo relacionado apenas ao sexo feminino? Esse tipo de pensamento machista vem sendo repassado de gerações anteriores, pois correlacionam a profissão com os cuidados maternos (cuidar, educar, proteger, etc.), enquanto os homens na época eram responsáveis apenas pelos trabalhos braçais.

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Ou seja, por alimentarem e acreditarem na ideia de que a formação para pedagogo é algo relacionado ao instinto materno, e por criarem esse preconceito, cada vez menos vemos homens se interessando e buscando formação na área pedagógica, o que resulta em poucos profissionais formados nessa área.

Gráfico 3- Há quanto tempo atua como pedagogo (a)?

FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

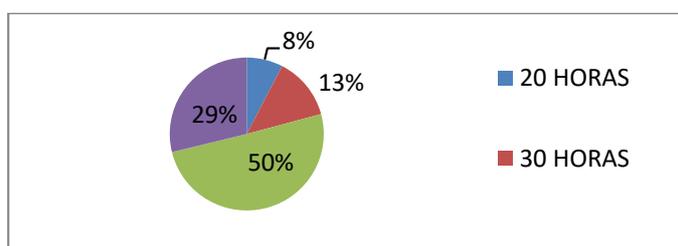
Quanto a essa questão houve uma divergência referente ao tempo de atuação, sendo que 4% dos entrevistados afirmaram atuar na área em um tempo inferior a um ano, porém o último concurso público realizado na cidade de Rio Verde-GO foi no ano de 2010 com validade de dois anos, o que torna impossível que um profissional atue na área há menos de oito anos.

Podemos analisar também que um total de 68% dos pedagogos entrevistados atuam na área da educação em um tempo superior a 21 anos, sendo que ao inteirar 25 anos de profissão o mesmo tem a opção de dar iniciação à sua aposentadoria, o que nos leva à conclusão de que as maiorias desses profissionais muitas vezes optam por continuar em sala de aula, mesmo que isso lhe custe a sua saúde integral, visando somente o monetário. Resultando em mais profissionais doentes, cansados, impacientes, e na maioria das vezes menos dedicados, refletindo assim negativamente na educação oferecida.

[...] os professores, depois de uma interação intensiva com os alunos, denotam desgaste de suas energias emocionais e advertem que não podem trabalhar com a mesma dedicação e energia que apresentavam no princípio de suas carreiras. Esta dimensão manifesta-se através do esgotamento de recursos emocionais próprios; o docente sente que não pode dar mais de si mesmo em nível emocional (JIMENEZ et al., 2002, p. 13).

Portanto, podemos analisar que a junção de muitos anos de profissão com uma carga horária excessiva, que em muitos casos ultrapassa a marca de 40 horas semanais, contribuem para um maior desgaste físico e psicológico do pedagogo, afetando assim sua saúde e seu desempenho profissional, assim com o podemos observar na próxima questão.

Gráfico 4 - Carga horária semanal?



FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

Nessa questão, podemos observar que metade dos entrevistados possui carga horária de 40 horas semanais, regimento que exigem do pedagogo, uma

atenção e dedicação dobrada, para que possa alcançar seus objetivos. Visto que quanto mais o profissional trabalha, mais ele ganha, mais ele cansa, tendo conseqüentemente sua saúde afetada pelo excesso de trabalho, em razão de um melhor salário, como podemos ver a seguir:

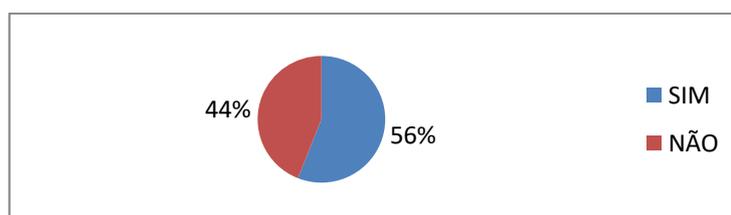
O sofrimento de cada trabalhador demonstra que há um descompasso entre o ideal de educação, relacionado com a necessidade de estabelecimento de vínculos maternos com os alunos, e o que lhes tem sido exigido mediante o aumento do número de alunos por sala e os baixos salários, obrigando-os às longas jornadas de trabalho para manterem-se com dignidade (BENEDETTI, 2020, p. 67).

Já 29% possuem uma carga horária superior a 40 horas, exigindo assim uma dedicação do profissional em três períodos divergentes. Resultando em um excesso de trabalho exaustivo, fazendo com que o docente muitas vezes perca o foco e deixe a desejar na realização do seu trabalho.

Assim como nos mostra Benedetti (2020, p. 789), “Vale frisar que um balanço inadequado dos processos do metabolismo pode levar ao adoecimento. Os professores, submetidos a longas jornadas de trabalho em sala e fora dela, assumem uma posição fragilizada”.

Ou seja, quando esse profissional dedica muito do seu tempo a assuntos relacionados à sua profissão, e lidam diariamente com o descaso, com condições de trabalho inadequadas, falta de apoio e instrumentos pedagógicos, entre outras deficiências no sistema de ensino, passam a ter mais frustrações, sentem-se mais desmotivados, cansados, e passam a cuidar menos de si mesmo, dormindo menos, se alimentando de maneira inadequada, não descansam o suficiente, resultando assim em um adoecimento, e conseqüentemente afetando a qualidade do ensino por ele oferecido.

Gráfico 5 - Já teve alguma lesão, desconforto físico ou sentiu sua saúde mental afetada devido ao seu trabalho em sala de aula?



FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

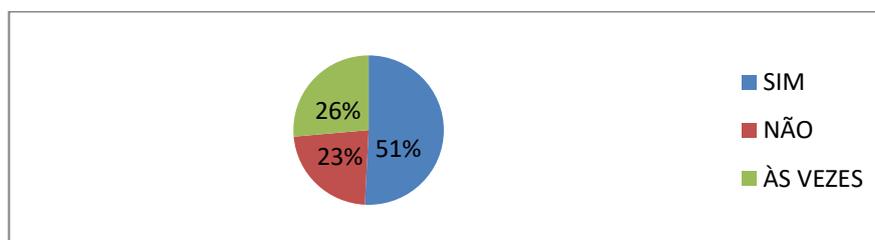
Cerca de 56% dos pedagogos entrevistados afirmam que de alguma forma já sentiram algum desconforto recorrente de sua profissão, dentro de sala de aula. O que nos leva a questionar se esses profissionais buscam ou recebem a ajuda necessária, visto que é um percentual elevado.

Doravante, levando em consideração que um profissional doente não consegue executar seu trabalho com qualidade, e nem chegar aos objetivos propostos, afetando diretamente a qualidade de ensino oferecida, é necessário refletir que deve existir uma maior atenção dos órgãos governamentais responsáveis, visando preservar e zelar pela saúde desses profissionais. Assim como podemos ver no trecho a seguir:

O adoecer dos profissionais da educação é um fenômeno que merece atenção, considerando a complexidade que o ato de educar requer, pois, esse trabalho agrega um conjunto de fatores que envolvem, sobretudo, o valor que se atribui a ele nesta sociedade (BENEDETTI, 2020, p. 59).

Portanto, cuidar da saúde desse profissional que desenvolve um papel essencial e indispensável no processo ensino-aprendizagem deve ser tratado com mais prioridade e atenção, visto que quando o educador tem sua saúde afetada, sua capacidade de ensino se reduz pela metade, refletindo negativamente no ensino.

Gráfico 6: Realiza algum acompanhamento profissional, busca algum meio de lazer ou tem algum hobby para diminuir o estresse diário resultante do seu trabalho?

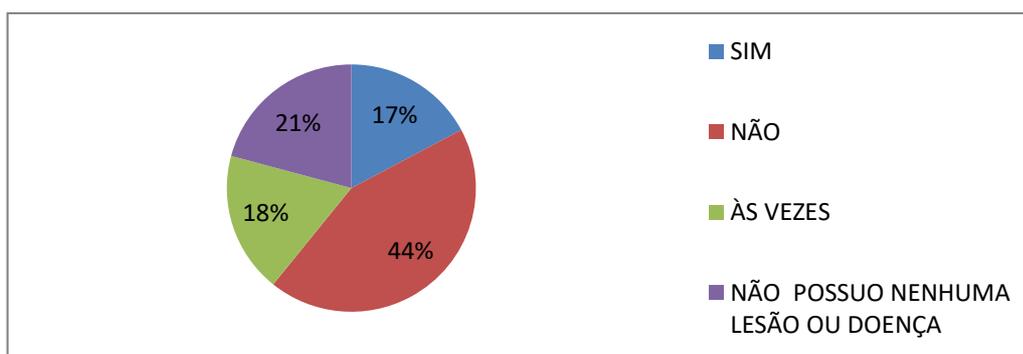


FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

Segundo a questão de número 09, cerca de 51% dos pedagogos entrevistados fazem acompanhamento especializado, ou buscam algum lazer ou hobby a fim de diminuir o estresse causado pela profissão. Algo muito positivo, pois mostra que os profissionais reconhecem a necessidade desse acompanhamento e buscam ajuda necessária, o que diminui o impacto na saúde desse profissional,

permitindo assim que possam lidar com suas atribuições da forma mais natural possível, oferecendo-lhes uma qualidade de vida e melhores condições de saúde e de trabalho, melhorando a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Gráfico 7: Tem alguma lesão, doença ou mal-estar que interfere na qualidade de seu trabalho?



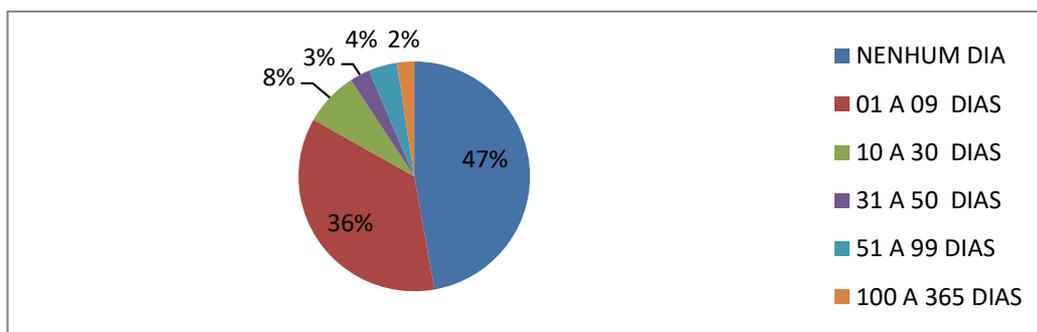
FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

Conforme a questão de número 10, nota-se que 44% dos pedagogos entrevistados afirmam que possuem sim, alguma lesão ou doença, porém alegam que não causam interferência na qualidade do seu trabalho. Enquanto cerca de 17% afirmam que sentem a qualidade de seu trabalho afetado, em decorrência dos prejuízos causados à sua saúde física e mental, resultantes de um trabalho excessivo, cobranças extremas, falta de apoio, entre outros fatores.

A saúde é processo que agrega vários fatores como: genéticos, congênitos, somato-funcionais, sociais, sociais e psicológicos, os quais determinam o funcionamento integral do sujeito, que, quando potencializados, mobilizam-se para enfrentar as situações de vulnerabilidade (BENEDETTI, 2020, p. 50).

Ou seja, segundo o autor supracitado, para ter saúde é necessário um conjunto de fatores, como sociais, psicológicos, genéticos, entre outros, e quando um desses fatores são afetados, sejam pelo estresse, pela cobrança em excesso, por preocupações diárias, isso pode trazer sérios prejuízos para o profissional. Fato que leva ao adoecimento desse profissional e conseqüentemente em atestados médicos, ou até em seu afastamento.

Gráfico 8: Quantos dias você esteve fora de seu trabalho devido a problemas de saúde, consultas médicas ou para fazer algum exame durante os últimos 12 meses?



FONTE: Dados elaborados pelos autores, 2020.

De acordo com questão de número 11, cerca de 47% dos entrevistados, alegam que durante os últimos 12 meses, não tiveram nenhum dia de afastamento, ou seja; quase metade dos profissionais que responderam ao questionário. Enquanto 36% afirmaram ter se ausentado por questões médicas em um prazo de 01 a 09 dias.

Portanto, podemos verificar que a quantidade de afastamentos em comparação com a quantidade de profissionais entrevistados, é um número relativamente alto, visto que de um total de 250 profissionais entrevistados, cerca de 132 pessoas já se afastaram do trabalho por razões médicas, o que nos comprova que esses profissionais ao se depararem com algum problema de saúde, seja ele físico ou mental, estão buscando ajuda profissional, estão comunicando aos responsáveis sobre a situação que se encontram, o que pode ser considerado um ponto positivo, pois quando o profissional busca ajuda, ele evita o agravamento da situação.

Mediante o quadro abaixo, apresentando dados fornecidos pela SME, conseguimos verificar que há uma grande quantidade de afastamentos registrada oficialmente no último ano, o que confirma a veracidade das informações obtidas pela pesquisa:

Quadro 01 – Relação de afastamentos docentes

ANO 2019							
JANEIRO	08	ABRIL	358	JULHO	21	OUTUBRO	270
FEVEREIRO	161	MAIO	390	AGOSTO	259	NOVEMBRO	275
MARÇO	204	JUNHO	258	SETEMBRO	297	DEZEMBRO	176
AFASTAMENTOS DE 04 DIAS ACIMA							
2019				486			

FONTE: Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Rio Verde- GO, 2020.

O quadro acima, apresenta dados referentes a quantidade de dias de afastamento por razões médicas. Dados referentes a todos os profissionais da rede municipal de ensino, até mesmo aqueles que não participaram da nossa pesquisa.

Mas o quadro serve como um grande demonstrativo da grande quantidade de pedagogos que precisaram ausentar-se de sala de aula, para cuidados da saúde no último ano. Levando-nos a refletir, que se tantos profissionais precisaram ausentar-se, quais são os motivos? Há relação com o trabalho em sala de aula, ou relacionada a causas naturais? É preciso fazer essa observação, voltar com um olhar mais cuidadoso para esses profissionais, buscando identificar o causador dos problemas, e apresentar soluções eficientes, que reduzam os efeitos sobre a saúde do pedagogo, para que um dia, a profissão seja vista com outros olhares e que nossos profissionais tenham mais qualidade de vida, no seu âmbito profissional e conseqüentemente no pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da realidade vivida pelos pedagogos da rede municipal de ensino da cidade de Rio Verde-GO, dentro das salas de aulas, expondo os principais motivos que levam ao adoecimento e mal-estar deste profissional, fato comparado com os dados fornecidos pela SME.

Em virtude dos fatos mencionados, verificamos então, que a junção de muitos anos de profissão, com uma carga de trabalho excessiva, más condições de trabalho e falta de apoio ou tratamentos especializados, são aspectos que juntos, contribuem para um prejuízo à saúde física e mental deste profissional, podendo afetar diretamente a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Concluimos então, que é necessário atentar-se mais ao bem-estar desses pedagogos, valorizando-os e os apoiando sempre que for preciso, e que eles mesmos vejam a necessidade de autocuidado, pois, um profissional doente, desanimado, desmotivado, não traz bons resultados e prejudicam não só a si mesmo, mas também a todos os envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, Rodrigo Affonseca; ESTANISLAU, Gustavo M. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CEREZER, Cleon; OUTEIRAL, José. **Autoridade e mal-estar do educador**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUIMARÃES, Luciane Carvalho de Castro. As doenças mentais que afetam o professor (a): síndrome de burnout, o estresse e a depressão. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues**, Rio Verde, n. 7. 2019. Disponível em: <<https://www.faculdefar.edu.br/arquivos/revista-publicacao/files-136-0.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

JIMENEZ, Bernardo Moreno; HERNANDEZ, Eva Garrosa; GÁLVEZ, Macarena Gálvez; GONZÁLEZ, José Luis; PEREIRA, Ana Maria T. Benevides. **A avaliação do burnout em professores**. comparação de instrumentos: CBP-R E MBI-ED, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a02.pdf>. Acesso em: 18, out. 2020.

KAUARK, Fabiana; MUNIZ, Iana. **Motivação no ensino e na aprendizagem: competências e criatividade na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

MIZUKAMI, Maria. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 2001.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: Um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

SOLDERA, Lais Luisa de Oliveira; MARTINS, Leandro Gonçalves. **Síndrome de Burnout**: conceitos e observações para os gestores de recursos humanos. Leopoldianum, a. 43, n. 119/120, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/741>>. Acesso em: 21 abr. 2020.